



Breve Revisão

Violência e Cotidiano Escolar: percepções a partir da realidade de uma escola pública de Matinhos – PR

Maria Virgínia Gapski Giordani¹; Adriana Lucinda de Oliveira²; Luiz Everson da Silva³

¹ Acadêmica de Curso de Pós graduação Lato sensu em Narrativas Visuais- Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Graduada em Artes pela UFPR.

² Acadêmica Pós graduação Lato sensu em Narrativas Visuais- Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, professora da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Possui Mestrado em Desenvolvimento Regional pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC E Doutorado em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: adriana17@ufpr.br

³ Graduado em Química pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, professor da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral. Possui Mestrado em Química pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, Doutorado em Química pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: *luiz_everson@yahoo.de. (autor para correspondência)

INFO ARTICLE

RESUMO

Histórico do artigo
Recebido: 24 maio de 2017
Aceito: 01 junho 2017

Palavras-chaves:

Educação;
Violência;
Ambiente escolar.

O presente artigo aborda alguns dos conceitos de violência e como eles se apresentam no cotidiano escolar, fazendo um paralelo entre essas definições e as vivências como estudante de iniciação a docência do curso de Artes em uma escola do município de Matinhos-PR. Para tanto, fizemos uma aproximação teórica com a categoria violência, bem como uma análise das percepções, a partir do vivido. Percebemos que a promoção da cidadania e sua vivência plena, são formas de garantir a inclusão e o respeito ao direito de todos os sujeitos no meio escolar.

1. Introdução

São múltiplas possibilidades de análise ou reflexão que se originam quando se justapõem o binômio escola/violência, principalmente observando suas consequências: a indisciplina, a turbulência ou apatia nas relações, os confrontos velados, as ameaças de diferentes tipos, os muros, as grades, a depredação, a exclusão enfim. O panorama é bastante conhecido, e certamente não precisamos de muitos dados para constatá-lo. (AQUINO, 1998)

A palavra violência deriva do Latim “*violentia*”, que significa “veemência, impetuosidade”. Mas na sua origem está relacionada com o termo “*violação*” (*violare*). Resumidamente violência é qualquer tipo de violação infringida sobre uma pessoa, seja, física, psicológica, implícita ou explícita, incluindo a violação de seus direitos e de seu espaço físico/corporal. Podemos afirmar que tratar-se de um fenômeno social.

Cotidianamente vemos atos de violência nos noticiários, no trânsito, na internet, conseqüentemente também nas escolas. Segundo Candau (2005, p.137) há uma multiplicidade de formas que a violência assume na atualidade, “algumas especialmente graves, sua crescente incidência chega a configurar o que se pode chamar de uma ‘cultura da violência’, assim como o envolvimento de pessoas cada vez mais jovens na sua teia.”

A escola é uma das instituições que reflete e vivencia diariamente essa cultura e tem sido demandada no debate e compreensão desse fenômeno, bem como na disseminação de uma contraposição, ou seja, na defesa e tessitura da cultura da paz.

O presente artigo aborda alguns dos conceitos de violência e como eles se apresentam no cotidiano escolar, fazendo um paralelo entre essas definições e as vivências como estudante de iniciação a docência do curso de Artes em uma escola do município de Matinhos-PR.

2. Violência: aproximações teóricas e correlações com a realidade vivida

Violência, segundo o dicionário Priberam (2015) significa: 1. Estado daquilo que é violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4. Veemência. 5. Irascibilidade. 6. Abuso da força. 7. Tirania; opressão. 8. Constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer um ato qualquer; coação. Geralmente quando atos de um indivíduo incidem diretamente de modo a prejudicar o outro, até mesmo tirando sua vida.

Segundo Charlot ‘violência’:

[...] é nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., onde um ser humano é tratado como objeto, isto é, onde são negados seus direitos à dignidade de ser humano, de membro

de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro de uma sociedade, o sujeito singular. (2005, p.24 e 25)

Destacamos a importância do debate e da preocupação com o enfrentamento da cultura da violência no cotidiano escolar, principalmente ao ampliarmos a compreensão das diferenciadas formas de expressão da violência. Existem múltiplos tipos de manifestações de violência. Para fins desse artigo, nos ateremos as que foram observadas no cotidiano escolar em questão ou de alguma forma o impactam diretamente. Segundo Minayo (2009), são elas estrutural, institucional, interpessoal, intrafamiliar, racial, de gênero e cultural.

De forma mais ou menos evidente todas essas facetas da violência foram identificadas no cotidiano escolar durante a experiência de iniciação à docência. Ressaltamos que essa classificação proporciona uma apreensão didática do fenômeno. No entanto, suas manifestações ocorrem de maneira entrelaçada entre suas diferentes expressões.

A violência estrutural diz respeito às mais diferentes formas de manutenção das desigualdades sociais, culturais, de gênero, étnicas e étnicas que produzem a miséria, a fome, e as várias formas de submissão e exploração de umas pessoas pelas outras.

A violência institucional é aquela que se realiza dentro das instituições, sobretudo por meio de suas regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas, reproduzindo as estruturas sociais injustas. Uma dessas modalidades de violência ocorre na forma como são oferecidos, negados ou negligenciados os serviços públicos.

A violência estrutural e institucional, estão intrinsicamente ligadas ao conceito de violência simbólica, cunhado por Bourdieu. Para o referido autor, trata-se da “violência suave, insensível, invisível à suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 1999, p.7-8).

A violência simbólica refere-se principalmente a mecanismos sutis de dominação e exclusão social que são utilizados por indivíduos, grupos ou instituições. No caso do ambiente escolar pode manifestar-se nos conteúdos, programas, métodos de trabalho e de avaliação, relações pedagógicas, práticas linguísticas, nos discursos.

Para Bourdieu a escola é pensada a partir da lógica dominante. Os conteúdos, modos de estruturação e avaliação consequentemente favorecem alunos oriundos de classes superiores. Uma vez que, já possuem recursos linguísticos, culturais e financeiros que contribuem para sua inserção e adaptação com a escola. Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1982), partindo de uma análise do sistema educacional francês, defendem que as instituições de ensino reproduzem as desigualdades sociais e transferem capitais de geração para geração. Dessa forma, o sistema de ensino perpetua o privilégio, apesar de dissimular uma aparente neutralidade e igualdade de oportunidades.

Pensando neste fato Ristum comenta que:

Em vários estudos faz-se referência à violência simbólica, na perspectiva de Bourdieu, como a principal violência promovida pela escola. Esse conceito foi proposto com base em uma visão da sociedade como um campo de dominação e de reprodução dissimulada das desigualdades sociais nas instituições, o que contraria a ideia de igualdade de oportunidades vinculada à ideologia liberal. (2010, p.73)

Exemplificamos essa reflexão através da mensagem de uma placa que está posta em um colégio estadual da cidade de Antonina-PR: “Proibido falar alto, cantar, dançar e jogar quaisquer tipos de jogos, proibido correr”. A placa de caráter coercitivo vai contra a ideia de que a escola é um espaço democrático de livre expressão para os alunos. Ela não proíbe ações danosas aos alunos, ela exerce um controle sobre estes. Legítima o empoderamento dos funcionários da escola que, poderão chamar a atenção dos alunos, em alguns casos de forma violenta.

Nesse relato fica evidente o que Ristum comenta no trecho a seguir:

Também os professores estão sujeitos a essa violência (simbólica), ao ter que cumprir prazos, programas, preencher formulários, cadernetas etc., ou seja, atender às determinações vindas de cima, sem que o professor tenha participação na sua elaboração. Assim, nas nossas instituições escolares, percebe-se o professor com um duplo papel: de um lado, como representante do poder, exerce o papel de dominador; de outro, o papel de dominado, submetendo-se a regulamentos e exigências burocraticamente estabelecidas, em que os aspectos organizacionais administrativos se sobrepõem à pedagogia. (2010, p.74)

Essa análise nos remete a violência interpessoal que caracteriza-se por múltiplas formas de relação e de comunicação, permeadas por prepotência, intimidação, discriminação, raiva, vingança e inveja, costuma produzir danos morais, psicológicos e físicos, inclusive morte. A manifestação mais recorrente desse tipo de violência no cotidiano escolar observado é o *bullying*¹, que refere-se a chacotas, piadas e agressões constantes. Caracteriza-se pelo ataque moral ao outro, com frequência pouco controlada.

A pesquisa de Machado & Wanzinack (2015) nas escolas dos municípios de Guaratuba, Paranaguá e Morretes apontou que no universo de mil alunos entrevistados, 468 já sofreram esse tipo de violência, ou seja, 46,8% dos entrevistados, evidenciando que o *bullying* está presente nas escolas do litoral paranaense e se constitui como um dos principais tipos de violência enfrentados por crianças e jovens.

Em profunda conexão com a violência interpessoal está a violência intrafamiliar que compreende as agressões que ocorrem dentro das casas, no espaço do lar. Esse tipo de violência é também conhecido como violência doméstica e ganhou maior visibilidade a partir da promulgação da Lei Maria da Penha (11.340/2010) que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

A análise da violência doméstica nos remete ao debate e problematização da historicamente romantizada família, a célula primeira da sociedade, base para o bom desenvolvimento da criança e consequentemente o seu desempenho escolar. A família tem sido responsabilizada e demanda como espaço de proteção, afeto, convívio, amor. No entanto, historicamente tem sido também ambiente de marcas, traumas, desafetos, abandono, ou seja, de violências.

Lyra, Constantino e Ferreira (2010) apontam que são quatro tipos de violência familiar: física, psicológica, sexual, negligência e o abandono. A violência física caracteriza-se pelo abuso com uso da força física de forma intencional, praticada por pais, responsáveis, ou parentes próximos a criança. A violência psicológica é menos aparente que a física e por isso mais difícil de ser detectada e definida, alguns exemplos são: o uso de palavras severas, xingamentos, culpabilização da criança por fatos que não são de responsabilidade dela, uso de ironia, comparação entre irmãos, alienação parental, deixar

¹Palavra da língua Inglesa, que aparentemente não possui tradução literal para o português.

que a criança presencie brigas, violência, tanto em casa como outros lugares.

A violência sexual ou abuso sexual é a situação em que uma criança é usada para gratificação sexual de um adulto ou mesmo de um adolescente mais velho, tendo como base uma relação de poder. Pode incluir desde carícias, manipulação das genitálias, mama ou anus, até o ato sexual com ou sem penetração (Abrapia, 2002).

A negligência e o abandono ocorrem quando, os pais ou responsáveis pela criança, deixam de prover-lhes as necessidades básicas físicas, emocionais e sociais. São descuidos com a saúde e a higiene da criança, desde não prover alimentação adequada, até mesmo medicamentos, ou proteção de intempéries. Por exemplo, alunos que não participam das atividades por estarem envolvidos nas situações familiares, como separação dos pais ou a vida financeira da família. Também observamos questões de negligência com os cuidados com a saúde dos estudantes, exemplificada no agravamento de um processo inflamatório na boca de uma aluna. Nesse caso a equipe pedagógica contactou os pais para orientá-los a respeito da importância de um acompanhamento e tratamento médico. A referida equipe reafirmou ainda os direitos da criança quanto aos cuidados, a proteção e saúde.

Abordamos de forma especial a violência intrafamiliar, pois evidenciamos que tais vivências impactam diretamente o cotidiano da escola. Sendo assim, é papel da escola não negligenciar tais acontecimentos e sempre que possível tomar as devidas deliberações tanto de procedimentos internos quanto jurídicos se necessário. Essas violências, na maioria das vezes são veladas e naturalizadas e estão presentes e compõem o cotidiano escolar. Apesar de ser um assunto que tem ganhado visibilidade e publicidade na atualidade, seu enfrentamento e trato diário permanece desafiante, principalmente na prática docente.

Retomando a classificação de Minayo (2009), outra manifestação é a violência racial, uma das mais cruéis e insidiosas formas de violência. No Brasil, essa manifestação ocorre principalmente contra a pessoa negra e tem origem no período colonial escravocrata. As manifestações racistas no cotidiano escolar são inúmeras, desde a exclusão dos grupos devido a cor da pele até piadas relacionadas ao pertencimento racial como palavras desqualificantes como macaco, burro, sujo, cabelo ruim, entre outras expressões.

Em uma sociedade racista como a brasileira, as pessoas logo ao nascerem são classificadas em diferentes níveis hierárquicos, aqueles classificados socialmente como brancos gozam naturalmente de privilégios em virtude dessa classificação. Ao grupo branco adiciona-se a construção de uma identidade racial que recebe o legado simbólico de referências positivas como: inteligente, belo, culto, civilizado, capitalista, democrático (CARDOSO, 2010, p. 623).

A violência de gênero constitui-se em formas de opressão e de crueldade nas relações entre homens e mulheres, estruturalmente construídas, reproduzidas na cotidianidade e geralmente sofridas pelas mulheres, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. No cotidiano escolar observamos alunos/as e professores/as decodificando tarefas ou cores como de menino/de menina. Essa atitude demarca, mesmo que sem intencionalidade uma heteronormalidade, que foi construída historicamente.

A violência cultural é aquela que se expressa por meio de valores, crenças e práticas, de tal modo repetidos e reproduzidos que se tornam naturalizados. Observamos na escola em análise um preconceito latente referente a denominação religiosa, com discussões frequentes entre estudantes por conta das defesas de seus líderes religiosos e suas crenças e dogmas.

Na escola do município de Matinhos, onde desenvolvemos as atividades de iniciação a docência há uma preocupação na perspectiva de prevenir e enfrentar situações de violência. As situações mais comuns de violência na escola são: brigas, agressões verbais e físicas, *bullying*, preconceito, racismo. Quando presenciamos ocorrências de violência estas são encaminhadas para a equipe pedagógica para averiguar o acontecimento e contatarmos os pais. Para além disso, o reiterado combate as diferenciadas manifestações de violência é tema transversal e recorrente nos debates e discussões no interior do cotidiano escolar, na perspectiva de historicizar, sociologizar e politizar esse fenômeno.

O relato evidencia a violência como fenômeno multifacetado, determinado e influenciado por uma série de elementos historicamente construídos. A discussão desse fenômeno no ambiente escolar ganha relevância, por ser este local privilegiado de aprendizado, formação, convívio e usufruto de direitos. Ristum (2010) contribui com o debate sobre a violência no ambiente escolar ao identificar três tipos de violência no espaço escolar: a violência da escola, violência na escola, e contra a escola. A violência contra a escola é a violência infringida ao espaço escolar por pessoas não efetivamente inseridas neste espaço. A desvalorização social e o empobrecimento do professor é um exemplo desse tipo de violência. Já a violência da escola caracteriza-se pelas práticas institucionais, exemplificadas na violência simbólica. Por fim, a violência na escola, especialmente caracterizada pelas agressões que envolvem diferentes atores escolares. Evidenciando assim, a múltiplas faces da violência que ocorrem no espaço educacional e que também este espaço está submetido.

Existem muitos debates com foco a discernir as possíveis razões geradoras da violência na escola, Resende aponta alguns fatores como:

Situação social, pobreza, desemprego, injustiça social; Insegurança familiar, conflitos, separações, abandonos; Dificuldades dos pais para lidar com a atual realidade; Complexidades emocionais nas relações humanas; Ausências de referências positivas; Ambientes pouco acolhedores; Formação deficiente dos profissionais atuantes no espaço educacional. (2010, p. 6 e7).

Cabe reforçar a complexidade dessa categoria de análise 'violência'. Faz-se necessário um olhar crítico do binômio criminalidade/pobreza ou violência/pobreza. Para Zaluar (1994) a classe social a que pertencemos, o local onde moramos, o jornal que lemos, o programa que assistimos e o local onde moramos, constituem e compõem o modo como vivenciamos e pensamos a violência.

Haraway (2009) afirma que esse processo é uma construção social situacional, ao considerar que somos atravessados/as por um conjunto de diversos fatores ou marcadores tais como sexo, gênero, classe, raça, religião etc. Desta forma, falar a partir desta posição compõe uma visão de mundo e permite uma determinada inserção e relação, possibilita um "estar no mundo" de forma diversa à de outras pessoas que têm trajetórias e características distintas. Desse modo, faz-se necessário irmos contra os reducionismos, sendo cautelosos e críticos, a fim de não criarmos novos estereótipos, ampliando e reproduzindo relações de violência.

Nessa perspectiva, Projeto Político Pedagógico da escola orienta sobre as ações que serão tomadas a fim de prevenir a violência, e também como professores e funcionários devem agir ao presenciarem essas situações. No intuito de prevenir essas ações a escola tem promovido debates em sala de aula, nos quais os professores conversam com os alunos sobre o tema, e depois elaboram cartazes que são colados nos corredores. Acreditamos que faz-se necessário ainda ampliar o debate pra além dos muros da escola,

promovendo rodas de conversa com os pais e demais integrantes da comunidade escolar.

O aumento da violência na sociedade, na família e na escola é fato observado, vivido, pesquisado e denunciado. A análise das percepções e do vivido permanece necessária, considerando a importância de construirmos estratégias de enfrentamento e de disseminação de uma postura de contraposição, ou seja, de defesa da cultura da paz, do respeito, da tolerância, da diversidade.

O grande fluxo de informações midiáticas bombardeiam diariamente as casas, com mensagens de naturalização da violência, fazendo com que os telespectadores fiquem insensíveis e que a violência perca seu caráter impactante, levando o público a uma inércia ou a indiferença diante dessas situações. Para Resende (2010) a comunicação midiática é um dos fatores que usa da violência de forma sensacionalista fragilizando a democratização do país, pois inexistente a palavra, o diálogo e uma visão crítica da escola e das famílias.

A vivência no ambiente escolar explicitou uma naturalização da violência com frases do tipo: "a violência sempre existiu, e, portanto não há como combatê-la". Ou uma relação direta entre as manifestações de violência e a culpabilização da família, destinando a essa toda a responsabilidade pelo processo de socialização das crianças.

Nessa perspectiva, a categoria violência simbólica contribui para ampliarmos e politizarmos o debate sobre as diferenciadas manifestações de violência que interferem no cotidiano escolar e no processo de ensino-aprendizagem.

Algumas das possíveis causas são a falta de compromisso do município, a ineficácia das políticas públicas, a fragilidade da rede socioassistencial, a desvalorização dos/as professores/as como profissionais da educação, as condições de trabalho dos/as docentes, a falta de tempo na carga horária do docente para investir em qualificação, como também para melhor organizar seu trabalho pedagógico. Identificamos também expressões de violência simbólica advindas do âmbito familiar e que incidem de forma direta no meio escolar, como por exemplo: a falta de compromisso de alguns pais/mães, cargas horárias de trabalho excessivas, situações de dependência de álcool e drogas, vulnerabilidade econômica, entre outras.

As reflexões aqui socializadas objetivam reiterar a importância do debate, bem como da contribuição de Bourdieu ao abordar a violência em uma perspectiva ampliada. Além disso pretendemos também reafirmar o papel social da prática docente no processo de desconstrução e desnaturalização da violência, seja no combate ao burocratismo, seja na análise crítica da estrutura dominante, das relações hierarquizadas, dos discursos autoritários, sexistas, bem como na valorização das práticas eminentemente pedagógicas do olhar, do acolhimento, da escuta.

Para Minayo:

A violência 'tem solução': por ser histórica e por ter a cara da sociedade que a produz, a violência pode aumentar ou diminuir pela força da construção social. Suas formas mais cruéis - que ocorrem nos níveis coletivos, individuais e privados - precisam ser analisadas junto com as modalidades mais sutis, escondidas e simbólicas, de forma muito profunda e aberta, para que todos possam colaborar. Afinal, todos são atores e vítimas. (2009, p.25)

Conceber a violência como um fenômeno construído socialmente, expressão de um conjunto de relações e correlações, demanda uma ação conjunta entre os diversos segmentos sociais, de modo a superar formas simplistas e impessoais, com soluções fragmentadas e paliativas, dando devida importância ao tema, buscando sempre contribuir e

combater a naturalização da violência, por meio de um olhar atento e vigilante.

No enfrentamento à violência as autoras Lyra, Constantino e Ferreira propõem algumas sugestões, tais como: Escuta acolhedora dos problemas apresentados pela criança ou adolescente; Visão crítica quanto a comportamentos violentos em sala de aula; Respeito aos valores e crenças das famílias; Valorização da família como instituição primordial para o desenvolvimento da criança e do adolescente; Não adoção de posições autoritárias e práticas estigmatizantes e preconceituosas em relação às famílias e aos estudantes; Postura compreensiva diante das causas da violência familiar, entendendo seu contexto de forma ampla; Garantia de sigilo a respeito das informações sobre violência recebidas das crianças ou adolescentes e de suas famílias, quando isso for cabível e recomendado. (2010, p.174).

Faz-se necessário o posicionamento de todos os atores nesta realidade. Especialmente o Ministério e as Secretarias de Educação, os diretores, os professores, os funcionários, os alunos/alunas e seus familiares, bem como os parceiros comunitários, ONGs, conselhos, empresas e a sociedade em geral que têm papel na discussão crítica e na proposição de melhores condições para o ensino no país, num cenário em que a violência não seja aceita como valor. (ASSIS; MARRIEL, 2010)

3. Considerações finais

A comunidade escolar é atravessada pelas circunstâncias sociais, dentre elas a violência. Nessa perspectiva, é fundamental os estudantes de iniciação a docência estarem atentos e tomarem conhecimento de tais acontecimentos, bem como se posicionarem também numa postura de vigilância e enfrentamento.

Os conceitos abordados nesse artigo nos ajudam a compreender melhor as manifestações de violência que transpassam o cotidiano escolar, nos proporcionando assim, clareza quanto ao debate e subsídios para o posicionamento e elaboração de atitudes de contraposição. A ampliação do debate contribui também para a promoção da cultura de paz e conscientização da comunidade escolar.

É importante considerar que vivemos em uma sociedade capitalista, que na sua lógica é excludente, competitiva, discriminatória. Assim a violência é também expressão do próprio modo de produção capitalista que divide, segrega, oprime, marginaliza, rotula. Entretanto, cabe veementemente um posicionamento pró-ativo, crítico, comprometido de construção de novas relações, de resistência, de indignação.

Nessa perspectiva acreditamos na possibilidade e potencialidade de construirmos relações pedagógicas pautadas no respeito mútuo, na liberdade de expressão, no diálogo. Lembrando que o oposto dela não é a 'não-violência', e sim a promoção da cidadania e sua vivência plena, a promoção da cultura de paz, garantindo inclusão e respeitando o direito de todos os sujeitos no meio escolar.

4. Referências

ASSIS, S. G. de; MARRIEL, N. de S. M. (org.) (2010). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.* organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. - Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTIPROFISSIONAL DE PROTEÇÃO A INFÂNCIA E A ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). *Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes: mitos e realidades.* 3. ed. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 2002.

- AQUINO, J. G. (1998). *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Cadernos Cedes, ano XIX, no 47.
- BOURDIEU, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. (1982). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Saraiva.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. In: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Universidad de anizales. Colombia, vol. 8, núm. 1, enerojunio, 2010, pp. 607-630.
- CANAU, V. M. (2005). *Direitos humanos, violência e cotidiano escolar*. In: CANAU, V. M. (Org.) Reinventar a escola. Petrópolis: Vozes.
- CHARLOT, B. (2005). *Cotidiano das escolas: entre violências /* Coordenado por Miriam Abramovay – Brasília: UNESCO, Observatório de violência, Ministério da Educação, 2005.
- HARAWAY, D. (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, jan. ISSN 1809-4449. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>>. Acesso em: 28/02/2017.
- LYRA, G. F. D; CONSTANTINO, P; FERREIRA, A. L. (2010). Quando a Violência Familiar Chega até a Escola. In: *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Editora FIOCRUZ.
- MACHADO, A. E. F; WANZINACK, C. (2015). O Bullying e sua repercussão no ambiente escolar no litoral do Paraná: evidências científicas e aspectos regionais. *Violência, Gênero e diversidade: desafios para a educação e o desenvolvimento*. / Clóvis Wanzinack; Marcos Signorelli; (Orgs.)- Rio de Janeiro: Editora Autografia.
- MINAYO, M. C. S. (2009). Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, K.; ASSIS, S. G. & CONSTANTINO, P. (Orgs.). *Impactos da Violência na Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- RESENDE, L. M. G. de. (2010). *A violência nos espaços educativos: a escola em foco*. Palestra proferida no fórum de escolas públicas do Distrito Federal representando o Setor de Educação da UNESCO Brasil.
- RISTUM, M. (2010). Violência na Escola, da Escola e contra a Escola. In: *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Editora Fiocruz.
- RISTUM, M. (2002) Violência urbana: a avaliação de professoras sobre a atuação da escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6(2): 167-176.
- VIOLÊNCIA: <<http://www.significados.com.br/violencia/>> Acesso em: 11/12/15.
- PRIBERAM. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Disponível em: <www.priberam.pt/DLPO/>. Acesso em: 11/12/2015.
- ZALUAR, A. (1994) *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UFRJ.